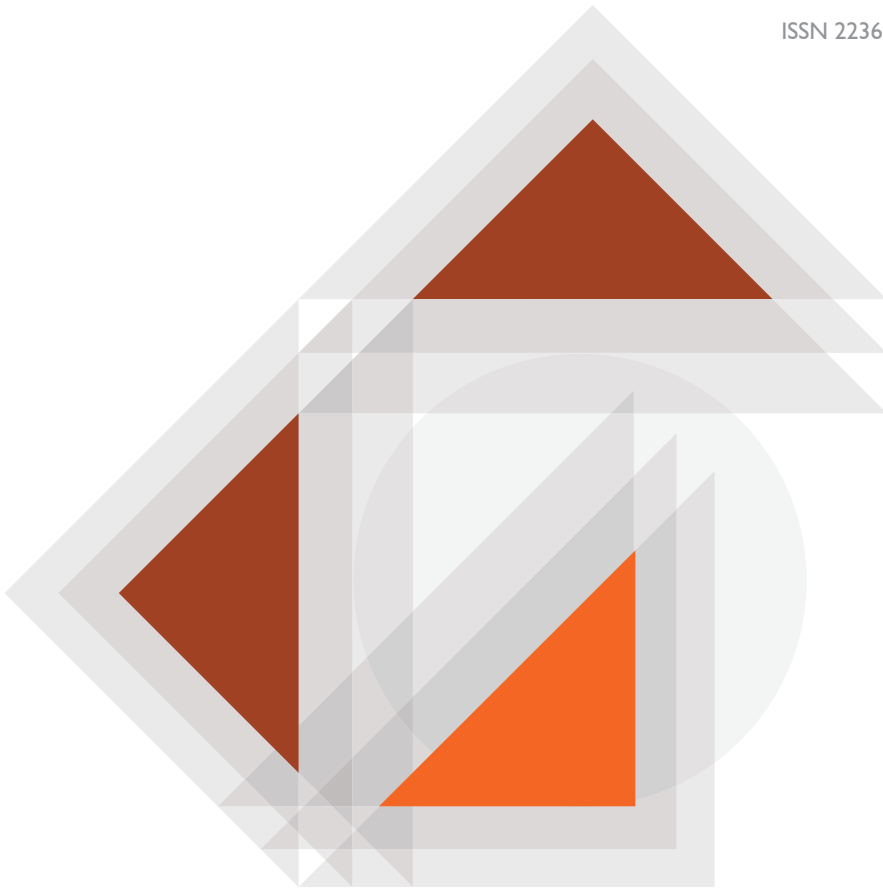




ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade de Brasília

Outubro 2012



A Coleção de Obras de Arte do Banco Central: sua Formação e Exposições

Maryella Gonçalves Sobrinho
Mestranda do PPG Arte UNB

Resumo: Este texto apresenta o histórico da formação da Coleção de Obras de Arte do Banco Central, considerando as definições de coleção e acervo. A partir destas definições, propõe-se uma discussão acerca dos parâmetros de escolha das obras que compõem a coleção, dividida em categorias, de acordo com o valor artístico e econômico das obras. Descreve ainda, as estratégias de divulgação deste patrimônio e sua relação com a História da Arte Brasileira.

Palavras-chave: coleção, acervo, Banco Central do Brasil, exposição.

Abstract: This text presents the formation's history of the Banco Central's Art Collection, considering de definitions of collection and heap. By these definitions, it proposes a discussion of the parameters of choice about the works that composes the collection, divided in categories, according with its artistic and economical values. Still describes the divulgation strategies of this heritage and its relation with Brazilian Art History.

Key-words: collection, heap, Brazil's Banco Central, exhibition.

No ano de 2011, iniciei o mestrado em Teoria e História da Arte, com objetivo de pesquisar as possibilidades interpretativas da obra de arte em relação ao seu contexto de exposição. O estudo de caso deste projeto de pesquisa é uma exposição ocorrida na Galeria de Arte do Banco Central do Brasil, *Trilhas para a Modernidade*, nos anos de 2010 a 2011. Como esta mestra foi concebida com base na disponibilidade do acervo de obras do próprio BC, é pertinente discorrer sobre o processo de constituição desta coleção de obras de arte, levando em consideração definições de acervo e coleção.

Brasília reúne um grande acervo de obras modernistas, seja ele arquitetônico ou artístico, exposto em espaços públicos e instituições. Na capital existem diversas instituições que possuem coleções de obras de arte, como o Palácio do Planalto, o Palácio da Alvorada, Palácio Itamaraty e a Caixa Econômica Federal. Cada uma destas coleções institucionais possui um processo de constituição distinto. Neste trabalho, analisaremos a coleção de arte de arte do Banco Central do Brasil e a importância deste acervo na História da Arte Brasileira.

Antes de apresentar o processo de formação deste acervo/coleção atento para o uso destes termos quando nos referimos a este conjunto de obras, como se os dois tivessem a mesma definição. Entretanto, é importante

apresentar a distinção que Maria Cecília Lourenço (1999) faz de acervo e coleção. Ao discorrer sobre a história da formação dos primeiros museus de arte moderna no Brasil, a autora defende a importância desta diferenciação, afirmando que

A palavra coleção associa-se a voluntarismos, em que um sujeito elege objetos como parte reveladora de sua existência, seja por lazer, capricho, amuleto ou vaidade. Em geral, os objetos são de mesma natureza e/ou guardam relações como se fossem dados objetivos, porém desvendam o indivíduo.¹ (...) Nem sempre a palavra coleção possui aqui significado restritivo, mas também indica um conjunto fechado e privado, transferido ou não para instituições.² (p.13)

A autora também justifica a opção por utilizar somente a palavra acervo, para falar de “segmentos conectados, segundo um projeto museológico”. Para Lourenço (1999), um acervo sugere um processo de reconhecimento e formação de sentidos, propondo debates e seguindo critérios definidos por padrões formulados segundo um contexto. (p.13) Lembramos que Lourenço diferencia os dois termos para falar sobre a condição dos museus de arte moderna no Brasil, e que o BC não possui um museu de arte, e sim uma coleção/acervo, apresentada periodicamente na Galeria de Arte do Banco Central.

Veremos a seguir que este conjunto de obras com os quais trabalharemos durante toda a pesquisa, pode ser relacionado com as duas definições, devido ao seu processo de constituição, descrito a seguir.

¹ No caso do conjunto de obras do Banco Central, o indivíduo ou o particular desaparece, dando lugar ao público (representado pela instituição).

² LOURENÇO, Cecília França. *Museus Acolhem Moderno*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

A Coleção de Obras de Arte do Banco Central é constituída por obras que, em sua maioria, pertencem ao modernismo brasileiro³. A forte presença de obras do modernismo brasileiro não se deve a um critério ou política de aquisições que delimitou o tipo de coleção a ser criado. Esta característica se deve na verdade, às circunstâncias nas quais o acervo foi constituído.

A maior parte deste acervo foi formada por obras que pertenciam a instituições financeiras falidas, que foram destinadas ao BC para pagamento de dívidas, durante a década de 1970. Como exemplo, em 1976, foram destinados ao BC quadros de Cândido Portinari, antes pertencentes à revista *O Cruzeiro*, para quitação da dívida do Grupo Halles S.A. No mesmo ano, outra obra de Portinari foi adquirida pelo BC, *Descobrimento do Brasil*, como pagamento da dívida do Banco Português do Brasil S.A. Pelo destaque que esta informação recebe nos materiais de apresentação da coleção do Banco Central, é possível que a instituição considere esta aquisição como uma das mais relevantes.

Em 1974, com a liquidação do Grupo Financeiro Áurea, outras obras de arte foram incorporadas ao acervo, quando foi repassada para o Banco Central a coleção da Galeria Collectio Artes Ltda., devedora do grupo. A Galeria, inaugurada em 1969, concentrou-se em comercializar obras dos artistas modernos. Devido a problemas financeiros e a falecimento de um dos proprietários, Galeria faliu, e seu acervo passou ao Grupo Áurea e em seguida, ao BC.

³ BANCO CENTRAL, Catálogo *Portinari em Obras*. Brasília: 2010

Na década de 1990, a coleção foi complementada por obras doadas por artistas que participaram de exposições no Espaço Cultural do Banco Central. Neste período, a coleção recebeu em torno de 4.000 obras. Devido ao grande número de obras, em 1992 o acervo foi avaliado por uma Comissão Técnica de Curadores, e organizado em três categorias (apresentadas posteriormente).

Esta avaliação verificaria o estado de conservação das obras e também o seu “valor cultural e artístico”. Assim, seria possível redefinir a manutenção ou o descarte das peças deste acervo. A análise deste conjunto de obras foi realizada por uma Comissão Técnica, reunida em abril de 1992. Participaram da Comissão Técnica 92 artistas, museólogos, restauradores e funcionários do BC. Toda a coleção foi classificada em três categorias: *Acervo Principal*, *Ambientação das Áreas de Trabalho* e *Obras para Desfazimento*.

Para compor o Acervo Principal, a equipe técnica selecionou duzentas obras de *maior expressão artística e cultural*, para serem preservadas e destinadas às exposições. Para a Ambientação das Áreas de Trabalho, selecionou-se 1.040 obras de *média expressão*. As restantes, cerca de 3.000 peças, consideradas de *baixo valor histórico e estético*, foram classificadas como obras para desfazimento, por meio de leilão e doações a instituições nacionais das áreas de educação e cultura, durante os anos 1990. As expressões “maior expressão artística e cultural”, “média expressão e baixo valor histórico e estético” foram destacadas no texto, pois a

partir delas podemos pensar quais foram os parâmetros deram embasamento aos critérios usados pela comissão, que definiram o destino de cada obra pertencente ao acervo. Seriam motivações culturais ou mercadológicas? Se nos atentarmos para o fato de que esta é uma instituição financeira e que a Reserva Técnica (local onde estão guardadas as obras) está localizada próxima ao cofre, percebemos que estas motivações (culturais e mercadológicas) estão profundamente ligadas entre si, sendo difícil sua separação.

Além da destinação das peças, a Comissão propôs que fossem tomadas uma série de medidas de divulgação e ampliação do acesso às obras do Acervo Principal por parte do público. Para isto, sugeriu a confecção de catálogos para distribuição em entidades culturais e prevê uma autorização para que as peças sejam mostradas em exposições, por meio de convênio com entidades. Colocou também a possibilidade de uma nova análise do acervo, “assim que Brasília disponha de museu com condições técnicas para preservar as obras no item 2 [no caso, o Acervo Principal] e possibilitar seu acesso a maior número de pessoas na Capital Federal.”⁴

Anos após a avaliação inicial do acervo de arte, a equipe de Assessoria de Exposições do Banco Central⁵ julgou necessário iniciar um trabalho de revisão da classificação das obras do acervo, devido a “mudanças no cenário artístico e cultural”. Uma das alterações deste

⁴ Informação presente no relatório da Comissão Técnica de 1992.

⁵ Fazem parte desta equipe funcionários do Banco Central, que trabalham da área cultural. São responsáveis pelo funcionamento do Museu de Valores, pela Reserva Técnica e pela concepção das exposições ocorridas no BC.

trabalho, realizado a partir de 2006, foi a transferência de 170 obras da Ambientação das Áreas de Trabalho para o Acervo Principal.

Atualmente, o Acervo Principal é composto por obras dos anos 1920 a 1970, sendo na maioria, de artistas brasileiros reconhecidos pela História da Arte Brasileira.

Parte desse acervo está em exposição nas mostras temporárias que ocorrem na Galeria de Arte do Banco Central. Algumas obras estão cedidas, temporariamente a outras instituições. O restante se encontra na Reserva Técnica para guarda, manutenção e realização de exposições futuras.

Conforme proposto pela Comissão, uma equipe do Banco Central, responsável pela administração do Museu de Valores e da Galeria de Arte, tem se comprometido da divulgação do patrimônio artístico da instituição. Desde 2003, a equipe de Assessoria de Exposições do BC se concentra na realização de exposições temporárias. Tais exposições contam com a disponibilidade já existente na Reserva Técnica, e são realizadas na Galeria de Arte do BC, inaugurado em 1989, no 8º andar da sede da instituição em Brasília. Em 1997, a Galeria de Arte foi desativada devido a reestruturações internas, sendo reaberta após uma reforma no espaço somente em dezembro de 2006.

As exposições já ocorridas no BACEN foram: *Portinari na Coleção do Banco Central* (2003/2005), *Babinski na Coleção do Banco Central* (2005/2006), *Volpi na Coleção do Banco Central* (2006), todas realizadas no Espaço Cultural do Banco Central, apresentando

ao público somente obras de um artista específico. Periodicamente, ocorrem exposições em que os próprios funcionários do Banco Central participam, expondo suas obras. Entretanto, para esta pesquisa a análise destas pequenas mostras, que ocorrem no 2º subsolo da sede do BC, não é pertinente, sendo somente citada.

Com a reabertura da Galeria de Arte em 2006, ocorreram outras as exposições: *O Óleo e o Ácido* (2006/2009), *Cândido Portinari em obras* (2009/2010), *Trilhas da Modernidade na Coleção do Banco Central* (2010/2011) e *Vanguardas na Coleção do Banco Central* (2011/2012).

Apresentamos este breve histórico das exposições ocorridas na Galeria de Arte do Banco Central porque é por meio delas que temos acesso a esta coleção institucional. Conforme comentado anteriormente, a divulgação do patrimônio artístico é uma forma de desempenhar uma função cultural pelo Banco, além de sua função econômica e política.

Se uma

coleção é sempre um documento vivo e valioso. E, como determinado conjunto da manifestação artística, ela também sempre estará em transformação, sendo vista e revista, suscitando novas análises, novo estudos e pontos de vista.⁶

Um estudo aprofundado do processo de constituição da coleção do Banco Central poderia ajudar a determinar um quadro histórico ou analisar obras-chave de uma

⁶ VENÂNCIO FILHO, Paulo. *Arte moderna brasileira: uma seleção da coleção Roberto Marinho*. São Paulo: Museu de Arte Assis Chateaubriand, 1994.

corrente estética. Entretanto, quando guardadas na Reserva Técnica, reunidas sem relação entre si, as obras desta coleção perdem importância para a cultura, sendo apenas um patrimônio arquivado. Uma coleção ganha sua importância cultural a partir do momento em que é exposta ao público. E a coleção aqui estudada é apresentada ao público por meio de exposições temporárias.

Embora o objetivo principal da realização das mostras temporárias citadas seja a divulgação do patrimônio artístico do BC, tais exposições possuem também outro papel: podem se relacionar com a História da Arte Brasileira, dependendo da proposta das exposições. Esta suposição é feita a partir da afirmação de que “Obras de arte significam diferentemente conforme o contexto em que se apresentam”.⁷ Ao considerarmos que uma obra de arte pode ter diferentes interpretações de acordo com o contexto de apresentação,⁸ concluímos que as análises de um mesmo objeto de arte são muitas.

Retomo agora, o objetivo da presente pesquisa, desenvolvida neste projeto de mestrado,⁹ que foca no estudo de uma exposição específica, *Trilhas da Modernidade*, mostra ocorrida de outubro de 2010 a junho de 2011. A concepção desta exposição teve como proposta a apresentação obras dos artistas Aldo Bonadei (1906, 1974), Alfredo Volpi (1896, 1988), Clóvis Graciano (1907, 1988), Fúlvio Pennachi (1905, 1992), mostrando suas contribuições para a afirmação do que seria a

⁷ COELHO, Teixeira. *A Natureza das Coisas*. Catálogo exposição Masp. São Paulo: 2008

⁸ CRIMP, Douglas. *Sobre as ruínas do museu*. São Paulo: Martins Fontes, 2005

⁹ Projeto desenvolvido no Programa de Pós Graduação em Arte na Universidade de Brasília, com orientação da Profª PhD Elisa Martinez.

modernidade nas artes plásticas no Brasil. Também foram selecionadas obras de alguns outros artistas, que segundo a equipe de assessoria de exposições (devido ao caráter dos responsáveis pela concepção destas exposições, evitamos chamar esta equipe de curadoria, já que não historiadores de arte e nem pesquisadores) foram por eles influenciados: Alice Brill (1920), Antônio Augusto Marx (1919), Francisco Cuoco (1928) e Gregório Gruber (1951). Entre os trabalhos expostos, havia pinturas, desenhos e gravuras.

Assim, para dar continuidade ao estudo desta exposição, o contato direto com a exposição foi essencial. É por meio dele que se fez a descrição da exposição, tanto de sua configuração espacial, como de seu conteúdo. É importante frisar esta abordagem, pois além das obras expostas na Galeria da Arte, fazem parte das exposições os textos curatoriais e complementares, o contexto expositivo e a própria configuração da mostra. Todos esses artifícios, quando relacionados, podem gerar várias interpretações das obras expostas.¹⁰

Referências Bibliográficas:

BANCO CENTRAL, Catálogo Portinari em Obras. Brasília: 2010

BANCO CENTRAL, Catálogo Trilhas para a Modernidade no Banco Central. Brasília: 2011

COELHO, Teixeira. A Natureza das Coisas. Catálogo exposição Museu de Arte de São Paulo. São Paulo: 2009

CRIMP, Douglas. Sobre as ruínas do museu. São Paulo: Martins Fontes, 2005

¹⁰ MARTINEZ, Elisa Souza. *Curadoria e expografia em abordagem semiótica*. Anpap, 2007.

MARTINEZ, Elisa Souza. Curadoria e expografia em abordagem semiótica. Anais da Anpap, 2007

VENÂNCIO FILHO, Paulo. Arte moderna brasileira: uma seleção da coleção Roberto Marinho. São Paulo: Museu de Arte Assis Chateaubriand, 1994

